

Universidade federais têm obras sem fim há 16 anos



Campus Quitaúna da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), em Osasco, está em obras há 16 anos Rafaela Araújo/Folhapress

Universidades têm obras inacabadas enquanto Lula promete novos campi

Orçamento minguou em dez anos; após pressão, governo anunciou pacote de investimentos

Isabela Palhares e Bruno Lucca

SÃO PAULO O campus de Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) em Osasco, está em obras há 16 anos. A UFVJM (Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri), em Minas Gerais, completou dez anos de existência na última quinta-feira (23). No período, a unidade formou quase mil profissionais em cinco cursos de graduação, mesmo sem todas as instalações prometidas na época de sua criação.

Dezenas de universidades federais de todo o país acumulam obras paradas ou atrasadas e projetos abandonados em razão da queda de orçamento dos últimos anos.

Eleito tendo como uma das promessas a retomada de investimentos no ensino superior, o presidente Lula (PT) anunciou no início de junho um PAC de R\$ 5,5 bilhões para parte dessas obras inacabadas, além de uma nova ampliação da rede federal.

O anúncio ocorreu em meio à greve de professores e servidores, que durou 69 dias, até este domingo (23), em tentativa de esvaziar o movimento. Conforme mostrou a Folha, parte do recurso anunciado já estava prevista desde agosto de 2023. Reitores afirmam que os valores liberados são insuficientes para os investimentos necessários. Apesar de concordarem com a necessidade de expansão das federais, como quer o governo, os gestores afirmam ser ainda mais necessário aumentar o financiamento, já que não há recurso suficiente nem mesmo para o pleno funcionamento das instituições existentes.

"Nosso expansão ocorreu às vésperas do processo de subfinanciamento das universidades. Nossos dois novos campi nasceram e dois anos depois veio o teto de gastos do governo Temer e a queda de orçamento. O que nos sobrou? Um espólio de obras paradas", diz Heron Bonadiman, reitor da UFVJM. Considerando só as mais estratégicas, diz, são 19 obras que

não saíram do papel. Quando o campus de Unifesp foi planejado, era prevista a construção de três prédios. Até este mês, apenas um deles foi concluído. A universidade também não conseguiu recursos para terminar a urbanização do campus. "Até agora a unidade está na terra, não temos dinheiro para fazer calçamento, arborizar o entorno", diz o reitor. Sem a infraestrutura adequada, a universidade nunca conseguiu ofertar todas as vagas previstas na unidade. O plano era que o campus abrisse 220 oportunidades ao ano. São oferecidas 100.

A situação de carência atinge das maiores às menores instituições do país. Na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), a construção do campus Quitaúna, em Osasco, é realizada há 16 anos e tem seu cronograma atrasado há cinco. Desde 2020, a instituição não recebeu repasses para

Greve de professores nas federais termina após 69 dias

A greve dos professores das universidades federais terminou neste domingo (23) após 69 dias. Segundo o Andes (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior), a maioria das instituições filiadas pediu para este ano, e seguir sem aulas somente prejudicaria os estudantes. Antes das universidades, professores e servidores técnico-administrativos de institutos federais já tinham resolvido, também neste domingo, encerrar a greve.

obras, segundo sua reitora, Raiane Assunção.

AUFU (Universidade Federal de Uberlândia) também faz obras desde 2012 para a construção do campus de Patos de Minas no Triângulo Mineiro. Por falta de recursos e problemas burocráticos, o atraso faz com que os cursos funcionem de forma provisória em uma faculdade particular alugada, com custo de quase R\$ 1 milhão ao ano para a instituição. Na UFG (Universidade Federal de Goiás), mais antiga universidade pública do Centro-Oeste, o orçamento de capital — utilizado para investimento em infraestrutura — foi de R\$ 173 milhões, corrigidos pela inflação, em 2014, para R\$ 1,2 milhão neste ano, uma redução de 99%. A instituição diz ter uma "enorme demanda de obras reprimidas".

Já o orçamento de custeio — que paga o dia a dia —, no mesmo período, passou de R\$ 192 milhões para R\$ 115 milhões, 40% a menos. Além de financiar a operação da UFG, o montante paga pelo aluguel de um prédio na cidade de Goiânia, usado para sanar a demanda por salas de aula.

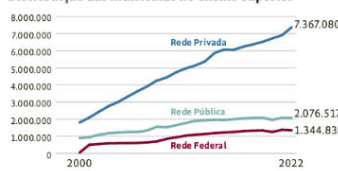
No mesmo estado, a Ufcat (Universidade Federal do Ceará), criada em 2018, não tem orçamento para construir laboratórios, salas de aula, prédio para os cursos de licenciatura e um parque tecnológico, necessários para o pleno funcionamento dos cursos. Lá, ainda há outro problema. "A situação quanto à verba de custeio é crítica, tendo em vista que o recurso destinado para todo o ano de 2024 se encerrará no presente mês de junho", afirma a reitora.

Caso semelhante é o da UFRRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), fundada num déficit de R\$ 382 milhões. A maior federal do país enfrenta "processo inextinguível de degradação de sua infraestrutura", expôs seu conselho, e pede socorro ao governo.

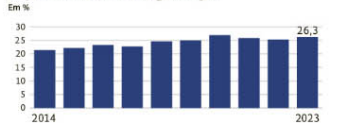
Sobre repasses, há casos ainda piores. A UnB (Universidade de Brasília) recebeu R\$ 1 para custear suas obras nes-

Acesso ao ensino superior no Brasil

Distribuição das matrículas no ensino superior

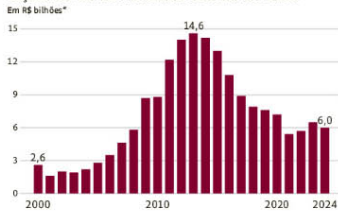


População de 18 a 24 anos que frequenta ou já concluiu cursos de graduação



Fonte: Censo da Educação Superior e PNAD Continua

Orçamento das universidades federais ano a ano



* Valores corrigidos pelo IPCA

Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

“As universidades mais jovens ainda precisam completar a sua infraestrutura física e todas as universidades têm que ter um parque tecnológico que se renova continuamente”

Márcia Abrahão reitora da UnB (Universidade de Brasília)

te ano. Em 2014, foram R\$ 46 milhões. Isso deixa a instituição sem capacidade de concluir obras importantes, casos do novo prédio da faculdade de agronomia e medicina veterinária (previsto para 2023) e do novo prédio do instituto de física.

A reitora da universidade, Márcia Abrahão, diz que as 69 universidades federais têm demandas históricas por melhoria da infraestrutura, ampliação de prédios e equipamentos. Ela é também presidente da Andifes (associação dos dirigentes das instituições federais de ensino superior).

"As universidades mais jovens ainda precisam completar a sua infraestrutura física ou adquirir novos espaços e todas as universidades têm que ter um parque tecnológico que se renova continuamente", diz Abrahão.

Algumas universidades relatam não ter recursos nem mesmo para obras necessárias para garantir a segurança dos estudantes e funcionários. São os casos de UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e Unifal (Universidade Federal de Alfenas, em Minas), sem dinheiro para reparos urgentes de prevenção e combate a incêndio.

Mesmo com todas as dificuldades, porém, a reitora defende ampliação de vagas no ensino superior. Ela lembra que o país segue longe de atingir as metas do PNE (Plano Nacional de Educação) com relação ao acesso de estudantes para cursos de graduação nas universidades públicas.

O plano, que vence neste ano, estabelece que o país deveria chegar ao fim de 2024 com ao menos 33% da população de 18 a 24 anos matriculada ou já tendo concluído um curso de graduação. Segundo o IBGE, em 2023 a proporção alcançou apenas 26,3%.

O plano também estabelece a ampliação do acesso ao ensino superior priorizando a rede pública. O movimento que se viu na última década, no entanto, foi na direção contrária — apenas 7,4% das novas matrículas desde 2013 são dessa modalidade.

"Uma universidade é um projeto em constante processo de ampliação. Não podemos esperar que todas se concluam para criar novas. Mas essa expansão precisa ser feita com planejamento e previsão de recursos suficientes para já existentes e as novas", diz Gustavo Balduino, consultor em ensino superior.

Reitores defendem que o governo federal crie uma lei que estabeleça um valor fixo a ser destinado às universidades anualmente. Hoje, os valores são definidos conforme a prioridade de cada gestão.

O modelo desejado é o das universidades paulistas, que recebem um percentual fixo do que o governo estadual arrecada com ICMS. Fernando Haddad, ministro da Fazenda, se comprometeu a estudar a proposta.

Enquanto isso, a Ufob (Universidade Federal do Oeste da Bahia) precisa de R\$ 200 milhões para realizar todas as obras urgentes. Neste ano, o repasse do governo foi de R\$ 1, assim como na UnB.

A reportagem procurou mais de 50 instituições de todo o país. Todas as que responderam relataram necessidades estruturais e problemas financeiros. Muitas, em razão da greve, não atenderam aos contatos.

Em resposta aos problemas apresentados, o MEC disse que, no início de 2023, que as universidades tiveram seu orçamento ampliado em quase 30%. Já neste ano, continua a pasta, foram totalizados créditos suplementares para recomposição orçamentária no valor de R\$ 347 milhões, sendo R\$ 242 milhões para as universidades e R\$ 105 milhões para os institutos. "Recentemente, em 10 de junho de 2024, o governo federal anunciou nova ampliação do orçamento, na ordem de R\$ 279,3 milhões para as federais", diz, em nota.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Página:** 1